

**ORALIDADE-ESCRITA NO GÊNERO POÉTICO CORDEL –
ENSINANDO, ACONSELHANDO
E TRANSMITINDO INFORMAÇÕES
ATRAVÉS DO GÊNERO TEXTUAL CORDEL**

Marilene Meira da Costa (UERJ)
malimeira@filologia.org.br

RESUMO

A oralidade-escrita é um agente determinante e transformador da língua de grande importância para a comunicação. O cordel é uma atividade de contar histórias pela língua falada e pela língua escrita, que vem desde a Idade Média, difundindo-se no Brasil, especificamente na região nordeste. Vários escritores nordestinos foram influenciados pela literatura de cordel, dentre eles podemos citar: João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa. O cordel faz parte da literatura oral em verso, divulgado através da escrita, ilustrado com xilogravuras artesanais (arte de entalhar um desenho artístico em uma prancheta de madeira, e reproduzido em papel, numa prensa tipográfica ou manual), com baixo custo de produção e tom humorístico. Considerado por muitos como uma arte “inferior” por estar associado à cultura dos iletrados, ganhou espaço e prestígio na literatura com a valorização das expressões populares. Esta oficina tem como objetivo despertar a percepção dos participantes para a amplitude desse gênero que apresenta forma em verso, facilitando a memorização; finalidade de aconselhamento; marcas da oralidade; público original muitas vezes analfabeto e temas do cotidiano. Estudar esse tipo de literatura facilita o resgate de cultura, história, vestimenta, crenças, comportamentos, objetos, linguagem e arquitetura de uma época.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Oralidade-escrita. Literatura em verso.

1. Considerações iniciais

Contar histórias é uma arte. Esse dom artístico sobrevive empolgando a humanidade desde a mais remota antiguidade, com A Odisseia, de Homero, que narra a viagem de Ulisses, herói da mitologia grega, vitorioso na guerra contra Troia.

Os seres humanos comunicam-se de várias maneiras (fala, escrita, gestos etc.), e a fascinação pelo discurso oral não se alterou com a descoberta da tecnologia chamada escrita.

(...) aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombina-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospectiva coletiva – não pelo estudo no sentido restrito. (ONG, 1998, p. 17)

Em nosso dia a dia, percebemos a necessidade humana de se comunicar e compartilhar suas experiências e de geração em geração, essa prática vai confirmando o ditado que diz que “quem conta um conto aumenta um ponto”, ou seja, o contador dá o seu toque pessoal para a narrativa deixando sua marca na história contada.

Essa prática de contar histórias requer talento e no caso do cordel o talento é duplicado, pois é preciso contar a história e em verso. Obedecendo a uma estrutura própria aliada ao conhecimento de fatos históricos ou não.

A literatura de cordel é conhecida no Brasil como folhetim, com grande expressão na região nordeste desde o final do século XIX. Por ter envolvimento de pessoas com pouca ou nenhuma instrução formal, o cordel é desconsiderado e ignorado por muitos. E, a forte relação do Cordel com a oralidade é que garante seu sucesso.

Segundo informações da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no século XVI esse tipo de literatura chegou à península ibérica (Portugal e Espanha), mas já existia na época dos povos greco-romanos. Ao chegar à Espanha, recebeu o nome de “*pliegos sueltos*” e em Portugal “folhas soltas” e “volantes”.

No Brasil, difundiu-se na região nordeste - chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste²⁶.

O objetivo dessa oficina é propor o uso do cordel em sala de aula com o intuito de desmistificar a irrelevância desse tipo de escrita que tem características multidisciplinares e transdisciplinares, além de ser ótima incentivadora na formação do leitor.

2. *História do cordel*

A dificuldade de comunicação na região nordeste por longos anos, foi primordial para o desenvolvimento da cultura do cordel como fonte, talvez a única, de informação e notícia. Com o advento do rádio, da televisão e de outros meios de comunicação, o cordel foi perdendo força e durante um bom tempo ficou esquecido. Por insistência dos poetas popu-

²⁶ Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/historia>>. Acesso em: 02-08-2015.

lares de feiras e de rua e defensores desse tipo de literatura, o cordel está retornando, ainda que timidamente, ao conhecimento popular.

O formato dos folhetos do cordel, o processo de divulgação, o processo de venda e a capa, tem sua origem na Alemanha. Lá, os folhetos tinham formato tipográfico em quarto e oitavo de quarto e a dezesseis folhas, vendidos em mercados, feiras, igrejas, universidades. As capas eram produzidas em xilogravuras (figuras gravadas em madeira) sobre os temas tratados na poesia. A diferença é que na Alemanha essa produção era feita para os textos em prosa.

Apresentar a literatura de cordel em sala de aula é divulgar para os alunos uma forma diferente de fazer poesia e também valorizar esse gênero literário riquíssimo tanto na forma como no conteúdo. Pela praticidade da leitura, pela curiosa forma de exposição da literatura, a musicalidade das rimas, a temática e as metáforas é que fazem da poesia de cordel um instrumento capaz de encantar as crianças transformando-o numa ferramenta excepcional para desenvolver o comportamento leitor.

Marcia Abreu, Universidade de Campinas, em seu artigo “Então se forma a história bonita – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita”, destaca as adaptações do cordel para os romances eruditos como forma de compreensão, conhecimento e interesse para esse tipo de literatura.

No artigo, ela destaca as adaptações de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, pelo cordel de mesmo título de João Martins de Athayde (1880-1959), poeta e editor que mais divulgou a literatura de cordel produzida no Brasil.

Ainda, segundo a autora, é possível encontrar vários romances adaptados para o cordel como *Iracema* e *a Viuvinha* de José de Alencar, *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, *O Corcunda de Notre Dame* de Victor Hugo entre outros.

3. Apresentando o cordel para o aluno

Ao entrar em contato com o cordel, o aluno irá perceber como a linguagem oral é rica e dinâmica, mas que para escrevê-la é preciso seguir uma norma. Vai aos poucos entendendo que há diferenças na língua falada e na língua escrita, um bom momento de se unir a sensibilidade poética com o rigor científico, uma vez que o cordel é um poema.

Paralelamente, o aluno aprende que essa forma de escrita faz a mente viajar completamente, podendo assim viver muitas aventuras. E também, como nos deixa claro Márcia Abreu (*op. cit.*) em seu artigo, que através do cordel é possível unir o clássico ao popular com o objetivo de facilitar a leitura e a compreensão.

4. *Estrutura do cordel*

Na elaboração do cordel é preciso seguir uma estrutura própria, as ilustrações são em xilogravura, mantendo a tradição portuguesa introduzida no Brasil.

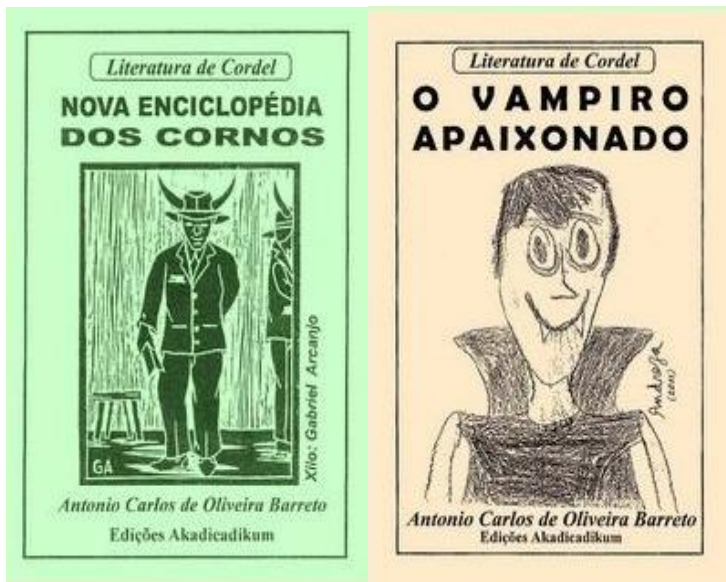
Gonçalo Ferreira da Silva é poeta, contista e ensaísta, nasceu na cidade cearense de Ipu, no dia 20 de dezembro de 1937. Aos quatorze anos, vem para o Rio de Janeiro, onde, em 1963, publica, pela Editora da Revista Rural Fluminense, o primeiro livro: *Um Resto de Razão*, coletânea de contos regionais do Nordeste.²⁷



²⁷ Disponível em:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_biografia.html





Capas de folhetos com Literatura de Cordel, de autoria de Antonio Barreto.
Fonte: <<https://barretocordel.wordpress.com/2012/03/30/humor-nas-capas-de-folhetos-com-literatura-de-cordel>>.

A Peleja Internética Entre Dois Cabras da Peste

Piadas em Versos de Cordel

As Aventuras de Bin Laden no Carnaval da Bahia

A Peleja Virtual de uma Mulher Valente com um Cabra Cismado

Nova Enciclopédia dos Cornos

O Vampiro Apaixonado

Os folhetos, que têm entre oito e 32 páginas, ganharam esse nome porque eram, e ainda são, expostos em feiras no Nordeste, pendurados em barbantes.

Os versos são em sextilha, ou seja, uma estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis linhas, ou seis versos de sete sílabas. Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos, sem rima obrigatória.

Naquela noite as estrelas
com uma luz *purpurina*
parecia iluminar
a mais escura *campina*
transformando aquilo ali
numa miragem *divina*.

Na/ que/ la/ noi/ teas/ es/ tre/las = 7, podemos contar versos de sete sílabas poéticas, pois a contagem é feita até a última sílaba tônica.

5. Enredo

Há uma sorte de variedade, quando o assunto é o enredo de um cordel, pois depende da proposta do autor do mesmo. O que se prioriza é a informação, que pode ser histórica, fictícia, informativa, política, literária entre outras.

Através do cordel é possível se ensinar literatura, matemática, química, física, geografia, história entre outras disciplinas, uma vez que se trata de uma literatura popular, escrita por pessoas simples, do povo, gente com pouca ou nenhuma instrução que se apropria do conhecimento através de suas experiências e das histórias contadas.

Podemos observar a seguir um cordel de Francisco Ferreira Filho Diniz, cordelista Francisco Diniz, paraibano, sertanejo de Santa Helena, autor de 70 folhetos, é professor de educação física da escola municipal Instituto São Marcus, em Santa Rita-PB e desenvolve um trabalho de valorização e divulgação do folheto de cordel nas escolas de Santa Rita, Bayeux, Cabedelo e João Pessoa desde o ano 2000.²⁹

²⁸ Expedito Sebastião da Silva nasceu em Juazeiro do Norte-CE, em 20 de janeiro de 1928 (dia de São Sebastião) e viveu toda a sua vida na terra do Padre Cícero, até falecer no dia 8 de agosto de 1997. Além de bom poeta, foi tipógrafo e revisor da gráfica de José Bernardo da Silva, tendo assumido, com a morte deste, a gerência da Tipografia São Francisco, rebatizada nos anos 70 como Literatura de Cordel José Bernardo da Silva e posteriormente como Lira Nordeste, denominação que permanece até hoje. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel18.htm>

²⁹ http://www.projetocordel.com.br/cordelista_francisco_diniz.htm

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Em tudo na vida a gente
Precisa equacionar
Na matemática diária
Sempre com ética usar
A adição, o subtrair,
O dividir, o multiplicar.

Multiplicar o amor
Realizar a divisão
Da terra e do trabalho,
Principalmente do pão
Para então se acabar
Com a social exclusão.

Subtrair o descaso
Que se tem pela pobreza;
Fazer a adição correta
Do alimento sobre a mesa
Para suprir com urgência
A fome, que é uma tristeza.

Não há aqui a pretensão de formar cordelistas, mas despertar a curiosidade para esse tipo de literatura tão rica e tão esquecida. E, todo conhecimento é válido principalmente quando se trata de formar leitores e impulsionar talentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999

_____. Então se forma a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 10, p. 199-219, 2004.

ACADEMIA Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br>>.

MAXADO, Franklin. *Cordel, xilogravura e ilustração*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

ONG, W. J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.